

VII Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología  
XXII Jornadas de Investigación XI Encuentro de Investigadores en Psicología del  
MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos  
Aires, 2015.

# **Constitución de grupo a través de talleres de lectura con niños en situación de crisis.**

Pena Pereira Torres, Eneida.

Cita:

Pena Pereira Torres, Eneida (2015). *Constitución de grupo a través de talleres de lectura con niños en situación de crisis. VII Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XXII Jornadas de Investigación XI Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-015/468>

*Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.*

# CONSTITUCIÓN DE GRUPO A TRAVÉS DE TALLERES DE LECTURA CON NIÑOS EN SITUACIÓN DE CRISIS

Pena Pereira Torres, Eneida

Centro Universitário Adventista de São Paulo - UNASP-SP. Brasil

---

## RESUMEN

Las historias tienen la capacidad para dar forma a la imaginación y servir como herramienta para superar los momentos de crisis causadores de impacto en las condiciones de vida. El ser humano tiene la necesidad de vivir en grupo para sobrevivir y escapar de la soledad y, por lo tanto, deben aprender a compartir el espacio y ver en los demás sus sentimientos. Este estudio tuvo como objetivo analizar cómo los niños en situación de crisis se dan cuenta de los acontecimientos, objetos y otras personas que forman un grupo en que hay participación y interés común. Se realizó una búsqueda-intervención con seis niños de 6 a 11 años a través de talleres de lectura. Cada reunión siguió una estructura básica en que había un tiempo de conversación o juego; a lectura del 'Reinações de Narizinho' de Monteiro Lobato seguida de observaciones y registros a través de dibujos. Los talleres de lectura permitieron a la constitución del grupo revelando sus disputas, las características, organización y liderazgo. La literatura permite la experiencia y el reconocimiento de los sentimientos y deseos que facilitan la comprensión del momento y el mundo interior y el exterior.

## Palabras clave

Literatura, Talleres de Lectura, Grupo, Función Terapéutica

## ABSTRACT

### GROUP CONSTITUTION THROUGH READING WORKSHOPS WITH CHILDREN IN CRISIS SITUATION

The histories have the ability to form the imagination and they serve as an instrument to overcome times of crisis that cause impact on living conditions. The human being has the need to live together to survive and escape the loneliness and, therefore, must learn to share space and see in others their feelings. This study aimed to analyze how children in crisis situations realize the happenings, objects and other people constituting a group in which there is participation and common interest. A research-intervention was carried out with six children ages 6 to 11 years through Reading Workshops. Each meeting followed a basic structure in which there was a time for conversation or play; the reading of 'Reinações de Narizinho' of Monteiro Lobato followed by comments and records through drawings. The Reading Workshops propitiated the group constitution revealing their disputes, characteristics, organization and leadership. The literature enables the experience and the recognition of feelings and desires that facilitate the understanding of moment and the world inside and outside.

## Key words

Literature, Reading Workshop, Group, Therapeutic Function

A leitura e narração de histórias vêm sendo usadas como importante instrumento psicológico e pedagógico para todos os públicos, principalmente para o público infantil, como parte integrante do desenvolvimento humano e como recursos de comunicação que preserva a vida e sociedade, independentemente de suas condições. As histórias favorecem a identificação, preservação do aspecto lúdico, manifestação afetiva e socialização como apresentam os trabalhos desenvolvidos, entre outros, por Gutfreind (2010).

A literatura proporciona experiências através de uma vida fictícia e permite o contato e vivência com realidades que podem estar afastadas do rigor de práticas sociais. O mundo da literatura proporciona um sentimento de pertencimento à coletividade humana, através do tempo e do espaço, segundo Vargas-Lhosa (2001), pois é um denominador comum da experiência humana com atos e sonhos, separados ou não na trama de relações que vinculam uns aos outros.

Ao texto literário é atribuída uma função terapêutica em que há a possibilidade de proporcionar a pacificação das emoções, segundo Caldin (2001), pois a literatura ficcional é um meio de afetar o ajustamento do indivíduo auxiliando-o a verificar suas emoções em paralelo às emoções dos outros. A função terapêutica da literatura, Cândido (2004) acrescenta uma função humanizadora, pois confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente.

Os primeiros contatos com a leitura e com a literatura, na infância, marcam a vida. As imagens idealizadas através da leitura de uma história conduzem ao mundo de fantasias que acompanham e enriquecem a vida. As histórias possuem a capacidade de dar forma à imaginação e servem, segundo Petit (2009), como instrumento que possa vir a ajudar a superar momentos de crise.

As situações de crise são momentos de crise causadores de impacto nas condições de vida, segundo Safra (2005, p.37), gerando conflitos e causando na criança a necessidade de buscar recursos para solucionar estes conflitos. Os momentos de crise estão relacionados, conforme esclarece Petit (2009, p.20 e 21), com situações provenientes de guerra, violência ou quando os recursos pessoais, sociais, psicológicos e econômicos não são mais suficientes para fazer frente às situações vividas. Estes momentos deixam os indivíduos em total desamparo, pois há perda do sentido de viver trazendo a necessidade de reconstrução destes indivíduos. Uma alternativa de reconstrução através da possibilidade de vivenciar as próprias emoções é facilitada pelo contato com a literatura e com a leitura de histórias.

A necessidade humana de se desenvolver mesmo em momentos de crise é esclarecida por Petit (2010) ao descrever o trabalho de leitura de histórias desenvolvidos em várias partes do mundo junto a crianças e adolescentes vítimas de conflitos ou envolvidos em situações de violência, tráfico de drogas, perda do poder da polícia e situações de abandono. Os trabalhos constatam que a externalização dos estados íntimos, como amor, ódio, raiva ou medo, pode ser um dos riscos evidenciados em ambientes em crise revelando a dificuldade de encontrar experiências que favoreçam estas manifestações tão comuns a todos os humanos.

Petit cita o comentário de Robledo ao descrever o trabalho de leitura de histórias desenvolvido junto a adolescentes envolvidos no conflito armado na Colômbia:

Para uma população marginalizada, uma biblioteca, uma coleção de livros, tem um papel essencial (...) Isto vai além do papel informativo ou de educação formal. Para cidadãos que vivem em condições normais de desenvolvimento, um livro é uma porta a mais que se abre; para aqueles aos quais foram negados os seus direitos fundamentais, ou que vivem em condições sub humanas, talvez um livro seja a única porta que lhes permitiria ultrapassar o limiar e saltar do outro lado. (ROBLEDO apud PETIT, 2010, p.75)

A ideia de que a leitura de literatura pode contribuir a uma reconstrução de si mesmo em situações extremas, relaciona-se ao estudo dos grupos, através da psicanálise, cujos alguns objetivos são: rememorar a história de vida dos sujeitos do grupo dando-lhes ferramentas para resolverem seus conflitos internos, diminuindo o medo do conhecimento das realidades externas e internas; propiciar o crescimento e o desenvolvimento da personalidade, gerando o conhecimento de si e do outro melhorando aspectos da socialização através da observação e compartilhamento das dificuldades comuns.

Gutfreind (2010), inspirado no trabalho de alguns estudiosos franceses, desenvolveu o atelier de leitura de contos com crianças organizadas em pequenos grupos baseando-se na função terapêutica da leitura. Guidoti (2013) realizou Oficinas de Leitura com um grupo de professores constatando que as narrativas literárias favorecem o crescimento pessoal. Porcaccia (2009) fez uso, também, das Oficinas de Leitura com um grupo de crianças em atendimento psicopedagógico visando o desenvolvimento do viver criativo e favorecendo o desenvolvimento da leitura e da escrita dos participantes.

A Oficina de Leitura é uma modalidade de trabalho que está sendo desenvolvida para dar importância ao ambiente de desenvolvimento do sujeito, defendido por Winnicott (1975), em que há a necessidade de uma área intermediária de experimentação para a qual contribuem a realidade interna e a realidade externa do indivíduo.

A Oficina de Leitura é uma atividade, segundo Porcaccia e Barone (2011), que tem como instrumento principal a leitura de histórias de literatura infantil na qual se abrem espaços para diferentes formas de participação das crianças. Nesta proposta de trabalho as crianças participaram com diálogos, atividades de colagem e desenhos, entre outras.

Considerando a prática das Oficinas de Leitura justifica-se analisar como as crianças em situação de crise percebem os acontecimentos, os objetos e as outras pessoas constituindo um grupo em que há participação e interesse comum. Para tanto foi realizada uma pesquisa-intervenção que busca compreender, explicar e promover mudanças durante a coleta de dados em que os resultados e conteúdos destes são considerados para análise e interpretação.

Este artigo é resultado de uma pesquisa acadêmica realizada com a participação de crianças entre 6 e 11 anos de idade, sendo quatro meninas e quatro meninos que frequentam um Centro de Atendimento a Crianças e Adolescentes que vivem em circunstâncias de vida onde estão expostas a um conjunto de experiências consideradas, segundo Petit (2009, p.20), situação de crise. As crianças tiveram suas identidades resguardadas através de nomes fictícios: João, sete anos; Miguel, onze anos; Cássia, seis anos; Célia, dez anos; Malu, dez anos e Mel, sete anos.

A dinâmica das Oficinas de Leitura, durante 8 encontros, seguiu uma estrutura básica organizada em três partes para cada encontro, baseada no trabalho desenvolvido por Gutfreind (2010, p. 127) com crianças em situação de crise.

A primeira parte consistia de conversa inicial sobre assuntos diá-

rios das crianças ou uma brincadeira com o objetivo de promover a descontração fazendo com que as crianças se sentissem mais dispostas a participar do grupo e se apresentarem melhor individualmente. Este momento de expressão foi registrado através de desenho, colagem ou escrita.

A segunda parte foi sempre dedicada à leitura de um capítulo ou parte de capítulos do livro "Reinações de Narizinho" de Monteiro Lobato (2008), por se tratar de um texto literário que, segundo Guidoti (2013, p.61), esta leitura de literatura exerce grande atratividade entre as crianças em seus primeiros anos na escola. Após a leitura as crianças foram convidadas a falar sobre a leitura e registrar a história que foi lida, ou parte da mesma, através de desenhos, com os materiais oferecidos: papéis, lápis de cor, giz de cera e canetas coloridas. As atividades propostas pretendiam favorecer o trabalho com os sentimentos e pensamentos que surgiam com a leitura da história.

Para o encerramento da Oficina cada criança falava sobre o que mais gostou e escolhia uma palavra para representar o dia e ao final o grupo fazia a votação para escolha de uma palavra significativa dentre todas mencionadas. Após a escolha final todos batiam os pés ou as mãos para gritar a palavra.

Os resultados obtidos durante as Oficinas de Leitura foram considerados qualitativamente, a partir dos autores que fundamentam o trabalho. A análise qualitativa permite a observação participativa durante as pesquisas ocorrendo a conversação de forma espontânea em que pode ser discutido do movimento de formação do grupo ao longo das oficinas. Para a análise do grupo foi considerada sua constituição e características, suas disputas, organização e liderança.

O referencial teórico psicanalítico considera que na constituição do grupo há interesse pelo indivíduo como parte do grupo numa ocasião determinada e para um intuito definido. As Oficinas de Leitura desempenham o papel de unir um grupo e, segundo Freud citando Le Bom (1921/2011), se os indivíduos do grupo se combinam numa unidade, deve haver certamente algo para uni-los.

Tão logo o grupo foi separado pela instituição para o início das Oficinas de Leitura surgiram questões indicando que os sentimentos e atos são contagiosos, segundo Freud em Psicologia e Análise do Ego, e os interesses pessoais se misturam ou se perdem. Freud propõe que os grupos apresentam, em seu desenvolvimento, características semelhantes às que podem ser observadas nos indivíduos. As crianças, pertencentes às salas diferentes, falavam todas juntas e, às vezes gritavam umas com as outras, além de demonstrar não aceitação de alguns participantes, pois "*não era da classe da mesma professora*". A atitude de rejeição foi sendo alterada no decorrer das Oficinas, pois quando um grupo se forma, a totalidade dessa intolerância se desvanece, temporária ou permanentemente, dentro do grupo, segundo Freud (1921/2011). Os participantes não conseguiam administrar seus conflitos e diferenças prontamente, mas demonstravam cada vez mais o objetivo comum de ouvir as histórias quando manifestavam o pedido de silêncio e de cooperação.

Os materiais oferecidos aos participantes, tais como: lápis de cor, giz de cera, tesoura, cola, revistas para recorte, apontadores, borrachas, papel e outros, ficavam disponíveis para cada dois ou três participantes trabalharem juntos. O material pessoal estava limitado ao crachá, confeccionado individualmente no primeiro encontro e a prancheta que servia de base para as atividades. No início, usar o material coletivo era motivo de desavenças, pois havia uma clara demonstração de querer ficar restrito em si mesmo, remetendo à fala de Gutfreind (2010, p. 133) ao mencionar Freud ao supor que "O ser humano poderia ficar muito bem sem os outros, a fim de guardar seu estatuto de onipotência, mas para sobreviver e escapar

da solidão, é obrigado a aceitar a alteridade, aprendendo a dividir seu espaço e a confrontar seus fantasmas.”

As disputas e discussões entre os participantes não revelavam predominância de gênero. A integração entre os participantes e formação do grupo se deu a partir da leitura das histórias, ressaltando o papel da leitura e confirmando Freud (1921/1976, p.90) ao dizer que “um grupo, ainda, está sujeito ao poder verdadeiramente mágico das palavras, que podem evocar as mais formidáveis tempestades na mente grupal, sendo também capazes de apaziguá-las.” O momento da leitura da história formava o grupo e, conforme a psicologia de grupo freudiana, os participantes comportavam-se como se fossem uniformes, toleravam as peculiaridades de seus outros membros revelando um laço libidinal com outras pessoas e esta atitude se estendia à atividade após a leitura.

As Oficinas foram revelando os participantes líderes, que podem surgir por seu prestígio ou porque alguém se indique a si próprio como chefe. Entre as meninas, Cássia demonstrava, veladamente, indicar-se a si própria como chefe entre as mais próximas. Embora não soubesse ler, não fizesse comentários sobre a leitura realizada e demonstrasse falta de atenção, conduzia as demais a fazer as atividades ao seu modo, inclusive sua irmã Célia. Esta atitude das meninas confirmou Freud ao dizer que grupo possui tal anseio de obediência, que se submete instintivamente a qualquer um que se indique a si próprio como chefe.

O surgimento do líder por prestígio começou a acontecer quando, desde a 1ª Oficina, Miguel ficava atento à leitura da história e fazia pequenas interrupções para perguntar o significado de palavras desconhecidas, e não era criticado pelos demais. O comportamento do grupo estava confirmando a tese de que as necessidades de um grupo o conduzem até meio caminho ao encontro de um líder e que este deve ajustar-se em suas qualidades pessoais (FREUD, 1921/1976).

O acordo para escolha da palavra de encerramento, ao final de cada encontro, reafirma a teoria freudiana de quanto um grupo é impulsivo, mutável e irritável, de acordo com as circunstâncias, revelando que o indivíduo faz parte do grupo, pois escolhiam palavras muito distintas e observavam os demais participantes e pediam, algumas vezes, para mudar a escolha.

Há ideias que surgem apenas quando os indivíduos estão em um grupo, além de que os sentimentos e os atos são contagiosos, segundo Freud (1921/2011), e os participantes deixam suas falas e opiniões pelo interesse coletivo. Ainda assim, foi possível observar lenta transformação no grupo através de atitudes individuais. Na 3ª Oficina, após faltar uma, Célia manifestou a insatisfação com as atitudes de Cássia quando sentiu que havia interesse coletivo em sua ausência premeditada.

Os acontecimentos da vida diária como programas de televisão, notícias de jornal, eventos do Centro de Atendimento, situações familiares e sociais, além de comentários sobre preferências, apareceram durante as Oficinas de Leitura, no momento de conversa inicial ou enquanto faziam o registro da história. Os participantes falavam uns dos outros, a princípio criticando e, posteriormente, participando ouvindo e emitindo opinião.

As atividades propostas solicitavam envolvimento pessoal e respeito pelo grupo. A percepção de que a fala do outro deve ser considerada, como livre expressão de seus pensamentos e sentimentos, foi sendo desenvolvida aos poucos pelo grupo e individualmente.

A realização das Oficinas de Leitura, fundamentada em autores e estudos apresentados ao longo do texto, considerou que a literatura favorece a constituição de um grupo em que há reconhecimento de sentimentos e desejos facilitando a compreensão do momento e do mundo.

## BIBLIOGRAFIA

- Caldin, C. F. (2001). A leitura como função terapêutica. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*. n.12, dez., 1-10, 2001. Disponível em: . Acesso em: 28 fev. 2014.
- Candido, A. (2004). O direito à literatura. In *Vários escritos* (pp.169-191). São Paulo: Duas Cidades.
- Freud, S. (1921) *Psicologia de grupo e a análise do ego*. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud. v.18. . Tradução de J. Salomão (1976). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1921). *Psicologia das Massas*. In *Obras Completas*. Tradução de Paulo César de Souza (2011). São Paulo: Companhia das Letras.
- Guidoti, J.G. (2013). Uma experiência com oficinas de leitura para a formação de professores leitores de literatura. *Dissertação (Mestrado em Psicologia Educacional) - Curso de Psicologia Educacional, Centro Universitário FIEO, Osasco*.
- Gutfreind, C. (2010) *O terapeuta e o lobo: a utilização do conto na psicoterapia da criança*. Rio de Janeiro: Artes e Ofícios.
- Lobato, M. (2008). *Reinações de Narizinho* (2ª ed.). São Paulo: Globo, 1.
- Lobato, M. (2008). *Reinações de Narizinho* (2ª ed.). São Paulo: Globo, 2.
- Petit, M. (2009). *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34.
- Petit, M. (2012). *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34.
- Porcacchia, S.S. (2009). *Oficina de leitura como intervenção psicopedagógica: Literatura e Espaço Potencial*. *Dissertação de Mestrado em Psicologia Educacional, Curso Psicologia Educacional, Centro Universitário FIEO, Osasco*.
- Porcacchia, S. S. & Barone, L. M. C. (2011). *Construindo leitores: uma experiência de oficina de leitura*. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, v.28, n.3, p.395-402.
- Safra, G. (2005). *Curando com histórias: a inclusão dos pais na consulta terapêutica da criança*. São Paulo: Edições Sobornost.
- Vargas-Llosa, M. (2004). *A literatura e a vida*. In: \_\_\_\_\_. *A verdade das mentiras*. Tradução: Cordelia Magalhães. São Paulo: Arx. p.377-395.
- Winnicott, D.W. (1975). *O brincar e a realidade*. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago.